

BRASIL-PORTUGAL

16 DE ABRIL DE 1905

N.º 150



Marquez de Soveral

Ministro plenipotenciario de Portugal em Londres

O caso de sensação da quinzena finda foi o discurso do Kaiser por occasião da sua visita a Tanger. Este discurso mais ou menos previsto, teve como prologo outro do chancelier von Bülow no Reichstag. Ambos elles significam, por mais que alguns jornaes se esforcem por fazer acreditar o contrario, um ataque em fórma ao accordo anglo-francez, a que a Hespanha adherio por um tratado especial. Pode o sr. Delcassé diligenciar destruir o effeito das palavras de Guilherme II, e sustentar que a politica do Imperador em Marrocos é a que a França sempre alli preconizou, mesmo depois do accordo com a Inglaterra. Similhante asserção não enganará ninguém.

Não ha duvida que o espirito, senão a letra, do accordo negociado entre o sr. Delcassé e o marquez de Lansdowne implicava o protectorado virtual da França sobre Marrocos. Sempre assim foi considerado em toda a Europa. Não ha duvida tambem que o Kaiser, proclamando a completa independencia de Marrocos, «paiz livre», na sua propria phrase, e declarando não tolerar intermediarios entre o sultão e a Allemanha, a qual exige a equaldade de tratamento para todas as nações, passou sobre o tratado anglo-francez, dando-o como não realiado. Como é que depois d'isto o ministro dos negocios estrangeiros da republica franceza faz no senado a declaração singular, que equivale a uma verdadeira capitulação? Todos aguardavam com anciedade a resposta da França ao repto imperial. A desillusão não podia ser maior. Envolta na linguagem meliflua da diplomacia a replica do sr. Delcassé é de uma fraqueza, que ha-de doer a todos os amigos da França. Não soffre duvida que a politica estrangeira da republica, sob a direcção do mesmo ministro, acaba de ter uma segunda Fashoda. O que é curioso e altamente significativo sob o ponto de vista da psychologia da actual politica allemã, é que Guilherme II tenha vibrado esta estocada ao accordo anglo-francez entre um jantar na embaixada franceza em Berlim e uma visita a Gibraltar...

E' curioso e suggestivo.

Persistirá Guilherme II na politica marroquina, que inaugurou com o recente discurso de Tanger? Quem pode sabel-o ou sequer presumir-o, dado o caracter impulsivo do Kaiser? *Souvent femme varie* é mote que pode ser bem applicado ao genio caprichoso e variavel do imperial orador. Pois não se sabe a historia d'aquella explosão de enthusiasmo boerphilo, que principiou cheia de arrogancias pelo celebre telegramma a Krüger e terminou tristemente pela recusa de receber em Berlim o velho presidente vencido? Pode porisso repetir-se em Tanger o incidente de Pretoria. O peor é se, animados por este prometido auxilio do Kaiser, os marroquinos caem na mesma illusão dos transvaalianos, que romperam com a Inglaterra contando com a Allemanha, que afinal lhes faltou. O telegramma a Krüger custou rios de sangue, que sem elle talvez se tivessem podido evitar. O que custará d'esta vez o discurso de Tanger?...

Mas dado como assente que Guilherme II persiste na sua actual politica em Marrocos, que pode ganhar com essa politica a Allemanha? Não é facil perceber-o.

Se o fim do imperador foi humilhar a França e vingar se n'este potencia da situação desairosa, em que o deixára ficar o accordo anglo-francez, não ha duvida que o conseguiu. A França depois do discurso do sr. Delcassé está ameaçada de uma nova Fashoda, de effeitos incomparavelmente mais desastrosos para o seu prestigio.

E' porém esta situação, que a França creou o discurso de Tanger, favoravel aos interesses da Allemanha? Affigura-se nos que não.

Na questão de Marrocos a França não está isolada. Alem da Inglaterra co sigrataria do instrumento diplomatico, que regula a situação do imperio marroquino, são favoraveis ao tratado anglo-francez a Hespanha e a propria Italia, aliada de Guilherme II, a qual pelo accordo franco-italiano ficou com as mãos livres em Tripoli, dadas certas eventualidades. E' claro que estas nações, pelo menos as duas ultimas, não irião collocar-se ao lado da França se esta quizesse pela força fazer bom o seu protectorado sobre o «maghzen». Mas tambem é indubitavel que não acompanharão a Allemanha, nem sequer diplomaticamente, na aventura em que se embarcou Guilherme II. Com que auxilio conta então o imperador germanico? Na Europa é difficil descortinal-o. O terceiro membro da triplice-alliança, a Austria, tem bastante com que se entreter na propria casa para pensar sequer em quebrar lanças por uma causa, que em caso algum a pode interessar. Sonhará porventura o Kaiser em attrahir os Estados-Unidos á sua politica? Talvez. Não deixa mesmo de ser significativo o passo dado conde de Bülow, mandando communicar officialmente pelo ministro allemão em Washington ao presidente Roosevelt a declaração imperial em Tanger. Os Estados-Unidos, porém, qualquer que seja o agrado ou o desgardo com que tenham visto o accordo anglo-francez, abster-se-hão, é certissimo, de tomar posição contra a França e a Inglaterra.

Com que conta então o Kaiser?

Mas se sob o ponto de vista do presente conflicto a politica da Allemanha é incomprehensivel, mais ainda o é sob o ponto de vista das consequencias que n'um proximo futuro da actual situação devem logicamente resultar. Tem sido, conforme se sabe, constante empenho de Guilherme II ha muitos annos conciliar as boas graças da França, diligenciando por todos os modos fazer-lhe esquecer a sua posição de vencida. Semelhante politica, habil forçoso é confessal-o, contribuiu muito para pouco a pouco ir normalizando as relações franco-allemãs, repondo-as no antigo pé, senão de intimidade pelo menos de cordealidade e correcção. E comprehende-se o empenho do imperador. Nem politica nem commercialmente pôde hoje a França fazer sombra á Allemanha. Posta de parte por todos os espiritos sensatos, como impraticavel, qualquer ideia de desforra, nada convinha melhor á Allemanha do que viver em paz com a sua visinha do oeste, cuja expansão commercial e industrial vae todos os dias diminuindo, deixando abandonados á rival vencedora pelas armas os mercados neutros, onde esta ganha diariamente novas victorias menos sangrentas e mais preciosas que as de 1870. Com esta justa concepção da



Margens do Sever. — No 2.º plano a margem portugueza

realidade, o principal cuidado da Allemanha tem sido o poupar as susceptibilidades da republica e impedir, já directamente por propozidas deferencias, já indirectamente por machiavelicas intrigas, que ella se possa lançar nos braços de qualquer outra nação, onde encontre eventual apoio para as suas pretensões.

Foi assim que instigou a França a apossar-se de Tunes para cavar um abysmo entre ella e a Italia, e que por mais de uma vez tem tentado semear a discordia entre a republica e a Inglaterra. Não poudo impedir a alliança franco-russa, mas tem feito todo o possível para a enfraquecer, sobretudo depois que estalou o conflicto do Extremo Oriente.

Dados estes precedentes, parece que estava traçada a orientação da politica allemã com respeito á França. Vem, porém, o discurso de Tanger, e todo este insistente trabalho de approximação é destruido n'um momento. Os antigos ressentimentos do povo francez, perante a actual humilhação, acordam de novo. E o accordo anglo-francez, primeiro resultado da *entente cordiale*, é convertido pela abrupta declaração do Kaiser no symbolo de uma verdadeira alliança moral, que amanhã quem sabe? pela força das circumstancias se poderá converter n'uma alliança declarada, segundo as formulas das chancellarias. Quer dizer, a provocação teve como immediato resultado lançar a França nos braços da Inglaterra, que era a hypothese que a Allemanha mais temia e mais se esforçava por arredar.

A opportuna entrevista de Eduardo VII com o presidente Loubet, quando ainda se não tinham desfeito os ultimos ecos do discurso de Tanger, foi a este respeito de uma eloquencia que todos comprehenderão.

Dizem os jornaes semi-officiaes allemães que é provavel que, a proposito do incidente de Marrocos, se abram brevemente negociações entre os gabinetes de Paris e de Berlin. Podem abrir-se e pôde mesmo a sua abertura ser a explicação do que acaba de passar-se. Podem essas negociações ser dirigidas pela Allemanha no sentido apenas de salvaguardar os seus interesses commerciaes e de obter uma especie de satisfação moral ao seu amor proprio offendido. Pôde todo este incidente não ter passado de uma tempestade em volta de um

paquete, como espirituosamente o escreve um jornalista francez. O Rubicão está passado; e de hoje em diante, na lucta que porventura se prepara na Europa, o logar da França será ao lado da Inglaterra. Os sonhos de uma reconciliação entre a vencida e a vencedora de 1870, que povoaram a mente do maior estadista que, depois de Gambetta, tem tido a republica franceza — Julio Ferry — acabam de desfazer-se em Marrocos...

Uma nação, contudo, conseguiu ganhar com a arremetida do Kaiser uma grande victoria diplomatica, a Inglaterra. O aliado, que lhe faltava no continente para a eventualidade de uma futura lucta, acaba a Allemanha de lh'o dar complacientemente, e o peor é que acaba de lh'o dar contra si propria.

As duas hypotheses, com effeito, que Guilherme II mais temia e para se precaver contra as quaes mais afincadamente trabalhava — a approximação da França e da Inglaterra, e a approximação da Inglaterra e da Russia — vão ser as consequencias da nova politica inaugurada em Tanger pelo Kaiser.

A respeito do robustecimento da *entente cordiale* já acima dissemos o bastante para se lhe comprehender a razão. Não é menos evidente a probabilidade da approximação da Inglaterra e da Russia, depois do incidente de Tanger. E' ainda a França quem se encarregará de a levar a bom caminho. Alliada da Russia, intimamente unida á Inglaterra pela necessidade da defeza dos seus interesses em Marrocos, ninguem extranhará que por seu turno ella se esforce por encontrar uma fórmula de conciliação dos interesses de ambas na Asia. E achal-a-ha. N'esse dia o isolamento da Allemanha, que não sabemos se poderá apellidar-se «esplendido», será completo. E assim mais uma vez o temperamento impulsivo de Guilherme II terá feito um mau serviço á sua patria e preparado inesperado cheque á obra de paz, em que os seus panegiristas o dizem tão sinceramente empenhado.

CONSIGLIERI PEDROSO.

OS MORTOS

(NA ULTIMA QUINZENA)



D. Maria Isabel Palmeirim

† em 22-3-905

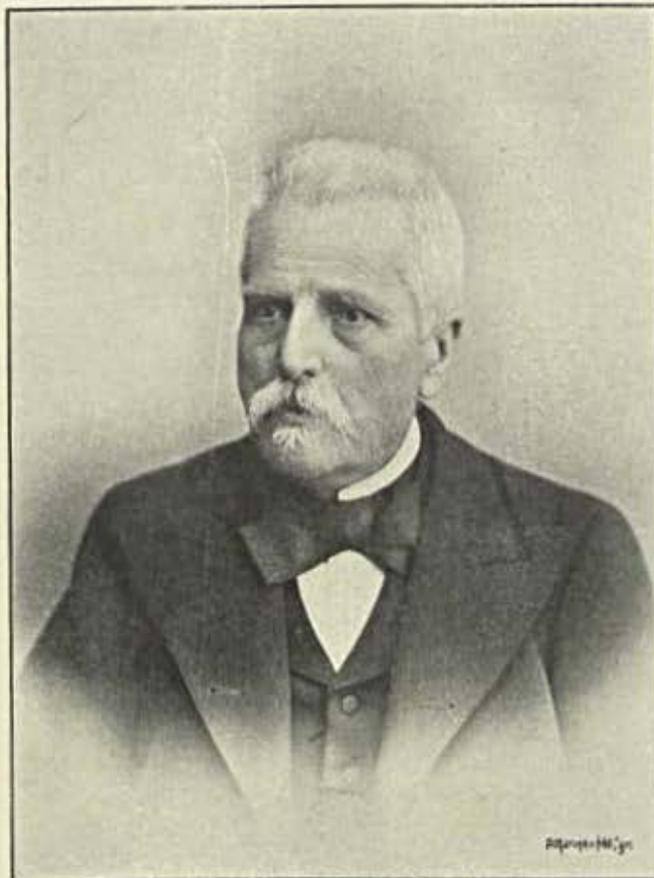
Filha do illustre escriptor e celebre humorista Luiz Augusto Palmeirim, fallecido director do Conservatorio de Lisboa. Que a terra seja leve a quem foi tão boa e tão simples.



Dr. Thomaz José de Bettencourt Goulart

† em 3-4-905

Medico muito novo e conceituado, muito conhecido nas povoações de Paço d'Arco, Carnaxide e Aljez; guarda-vôr da estação de saude do Bom Sucesso.



Conde da Redinha

† em 23-3-905

D. Antonio Maria da Luz Carvalho Daun e Lorenca, 5.º conde da Redinha, Grã Cruz de S. Gregorio Magno e da Coroa de Carvalho de Luxemburgo; antigo chefe do partido miguelista a cuja causa dedicou toda a sua vida; capitalista e proprietario importante.



D. Paulina da Fonseca Benevides

† em 26-3-905

Esposa do illustre professor e conselheiro Francisco da Fonseca Benevides, director do Instituto Commercial e Industrial de Lisboa, e senhora muito intelligente e illustrada.



Reynaldo Ferreira Pinto Basto

† em 31-3-905

Antigo «sportman», lavorador importante, e uma das figuras mais insinuantes da «jeunesse dorée» de ha 40 annos.



Actor Augusto Rosa

Augusto Rosa



Kurt Holm, no «Tio Milhões»



D. Nuno Alvares Pereira
no «Alfageme»



Cardeal Montmorency, na «Ceia dos Cardeaes»



Beltrão, no «Alcacer Kibir»



Laertes, no «Hamlet»



Conde de Albrét, no «Avô»



Barros, na «Triste Viuvinha»



Henrique III, no «Henrique III»



Luiz XVI, na «Maria Antonieta»



Fritz, no «Amigo Fritz»



Napoleão, na «Madame Sans Gêne»



Alvaro Vaz de Almada, no «Regente»



D. Cesar, no D. «Cesar de Bazan»



Simão Peres, no D. Affonso VI

É já enorme a galeria de typos creados por Augusto Rosa, indiscutivelmente um dos primeiros artistas do theatro portuguez. Filho de artista de raça, que lhe guiou os passos na scena, não estacionou, como tantos outros, embalado pelas louvaminhas das folhas indigenas. Elevou-se pelo trabalho e pelo estudo aturado, sem esmorecimentos. Se por vezes errou a interpretação de personagens, n'esses erros manteve sempre a mesma coherencia no delineamento traçado.

Augusto Rosa vive pela Arte e para a Arte. Pelo seu temperamento, pelas suas excepçoes aptidões servidas por um grande conhecimento da scena, e pela sua illustração bem orientada adopta-se a todos os generos, impondo-se sobretudo na alta comedia em que é impecavel, ao lado de João Rosa e de Brazão, os seus dois companheiros de mais de vinte annos.

N'esta pagina aberta reproduz hoje o *Brasil-Portugal* algumas, poucas, photographias de Augusto Rosa nos diversos papeis de peças portuguezas e estrangeiras. Não caberiam todos nos acanhados limites da Revista.

Cinco semanas em balão

A morte recente de Julio Verne dá actualidade ao seguinte trecho de um dos seus popularissimos romances.

... O *Victoria*, depois que chegou ao lago Tchad, achou uma corrente que o levou mais para oeste. Algumas nuvens mitigavam o calor do dia, e sentia-se uma viração branda sobre esta vasta extensão aquosa. Mas á uma hora, como o balão tivesse cortado transversalmente esta parte do lago, internou se novamente pela terra por uma extensão de sete a oito milhas.

O doutor, que a principio não gostara da direcção que tomavam, logo se desagastou quando viu a cidade Kuka, celebre capital do Bornu. Divisou-lhe por momentos a cinta de muralhas de argilla branca. Algumas mesquitas demasiado toscas erguiam-se como que pesando sobre uma multidão de dados de jogar, que constituem as casas arabes. Nos quintaes das casas e nas praças publicas cresciam palmeiras e arvores de caud-chuc coroadas por um zimborio de folhagem da largura de cem pés. Observou Joe que estes imensos guarda-soes estavam em relação com o ardor dos raios solares, d'onde tirou conclusões por extremo amaveis para a Providencia.

Kuka compõe-se realmente de duas cidades distinctas, separadas pelo *dendai*, largo *boulevard* de trezentas toezas, que n'esse momento se achava atulhado de peões e cavalleiros. De um lado está posta a cidade rica, com as suas casas elevadas e arejadas; do outro a cidade pobre, triste montão de choupanas acanhadas e conicas, onde vegeta uma população indigente, porque Kuka não tem commercio nem industria.

Kennedy achou-lhe algumas similhanças com uma Edimburgo que se estirasse n'uma planicie, por causa das duas cidades perfeitamente separadas.

Os viajantes, porém, apenas poderam observar tudo isto ao correr da vista, porque um vento contrario, com aquella mobilidade que caracteriza as correntes d'esta região, os arrastou rapidamente para mais de quarenta milhas de distancia sobre o Tchad.

Apresentou-se-lhes então um novo espectáculo. Podiam contar as numerosas ilhas do lago, habitadas pelos Biddimahs, piratas sanguinarios e terriveis, cuja visinhança é tanto para temer como a dos Tuareg do Sahara. Prepararam-se estes selvagens para receber corajosamente o *Victoria* á pedrada e á frechada, mas este depressa se afastou das ilhas, sobre as quaes passava rapidamente.

N'este momento Joe, que attentava no horisonte, dirigiu-se para Kennedy e disse-lhe:

— Com a fortuna! o senhor Dick, que anda sempre a sonhar com a caça, está agora a tempo!

— O que é, Joe?

— E d'esta vez não se opporá meu amo aos seus tiros.

— Mas que temos?

— Não vê ao longe aquelle bando de grandes aves que caminham para nós!

— Vejo, replicou Kennedy; não são menos de uma duzia.

— Quatorze conto eu, respondeu Joe.

— Ora queira Deus que sejam de especie bem maligna, para que este terno Samuel não tenha objecções a pôr-me.

— Eu não me opponho, respondeu Fergusson, mas estimaria bastante ver esses volateis bem longe de nós.

— Então tem medo d'elles? observou Joe.

— São abutres, Joe, e dos maiores. Se nos atacam...

— Ora esta; defendemo-nos, Samuel! Temos um arsenal para os receber! Não julgo estes animaes excessivamente temiveis!

— Quem sabe?

Dez minutos depois achava-se o bando ao alcance de tiro. As quatorze aves atordoavam os ares com gritos roucos, e avançavam para o *Victoria*, não atemorizadas, mas irritadas com a sua presença.

— Como ellas berram? disse Joe. Que estrepito! Provavelmente não gostam que lhes invadam os dominios, ousando uma pessoa voar como ellas!

— Em verdade, disse o caçador, o seu aspecto é terrivel, e julgal-as-ia

dignas de reccar-se se viessem armadas de clavinas de Purdey Moore?

— Não tem necessidade d'isso, respondeu Fergusson, tornando-se muito serio.

Os abutres voavam, descrevendo circulos immensos, que apertavam cada vez mais em volta do *Victoria*. Sulcavam o céu com uma rapidez phantastica, ora precipitando-se com a velocidade de uma bala, ora quebrando a sua linha de projecção por um angulo rapido e ousado.

O doutor, inquieto, resolveu elevar-se na atmosphaera para escapar áquella visinhança perigosa; dilatou o hydrogenio e o balão subiu.

Mas os abutres subiram tambem, mostrando-se pouco dispostos a abandonar-o.

— Tem ares de quem quer arremetter comosco, disse o caçador armando a clavina.

Com effeito, as aves approximaram-se; e mais de uma, apenas a cincoenta pés de distancia, affrontava as armas de Kennedy.

— Estou com immenso desejo de lhes atirar, disse elle.

— Não, Dick, ainda não. Não os enfureçamos sem razão; seria excital-os ao ataque.

— Mas eu depressa acabaria com elles.

— Enganas-te, Dick.

— Temos uma bala para cada um.

— E se elles torneiam o balão pela parte superior, como queres atirar-lhes? Imaginas que estás em presença de um bando de leões em terra, ou de tubarões em pleno oceano? Olha que para aeronautas, a situação é egualmente perigosa.

— Fallas serio, Samuel?

— Muito serio, Dick.

— Esperemos então.

— Espera. Aprompta-te para o caso de haver ataque, mas não atires sem signal meu.

As aves agglomeravam-se então a pequena distancia. Via-se-lhes distinctamente o pescoco sem pennas, distendido pelos gritos, e a crista cartilaginosa, salpicada de papillas violetas, erecta de furia. Eram de uma grande corpulencia. Tinham mais de tres pés de comprido. A parte inferior das azas resplandecia ao sol. Dir-se-



Julio Verne e sua mulher

iam tubarões alados, porque tinham realmente com elles uma extraordinaria similhaça.

— Seguem-nos, disse o doutor vendo-os subir, e por mais que subamos não logramos fugir-lhes.

— Que havemos de fazer? perguntou Kennedy.

O doutor ficou calado.

— Ouve, Samuel, voltou o caçador. Estas aves são quatorze; aproveitando as nossas armas todas, temos dezeseite tiros á nossa disposição. Se não ha meio de as destruir ou de as dispersar todas, encarrego-me de algumas de entre ellas.

— Não duvido da tua certeza, Dick. Sei bem que não de ficar mortas aquellas a que apontares. Mas repito, basta que algumas se encubram com o hemispherio superior do balão para deixares de as ver. E essas pôdem furar o envolvero que nos sustenta, e repara que nos achamos a tres mil pés de altura.

N'este momento, um abutre, mais feroz que os outros partiu direito ao *Victoria*, de bico e garras abertas, prompto para morder e despedaçar.

— Fogo! fogo! gritou o doutor.

Ainda não tinha acabado de pronunciar estas palavras, já a ave, ferida, caía rodoinhando no espaço.

Kenedy tinha uma espingarda de dois canos; Joe outra.

Os abutres, assustados com a denotação, afastaram-se por um instante; mas voltaram immediatamente, mais enraivecidos do que a principio. Kennedy quebrou com uma bala a cabeça do mais proximo; Joe partiu uma aza a outro.

— Restam-nos onze, disse elle.

Mas as aves então mudaram de tactica, e como que de commum accordo, elevaram-se acima do *Victoria*. Kennedy olhou para Fergusson.

Este empallideceu, apesar da sua energia e da sua impassibilidade. Seguiu-se um momento de horrivel silencio. Depois ouviu um estridor de seda que se rasga, e a barca fugiu sob os pés dos viajantes.

— Estamos perdidos! exclamou Fergusson, olhando para o barometro que subia rapidamente.

E em seguida accrescentou:

— Fóra, fóra o lastro.

Todos os bocados de quartzo desapareceram n'alguns segundos.

— Continuamos a descer! Ouves, Joe? Fóra as caixas de agua! Vamos cair ao lago!

Joe obedeceu. O doutor debruçou-se. Parecia que o lago caminhava para elle como a maré que enche. Os objectos augmentavam a olhos vistos. A barca apenas distava duzentos pés da superficie do Tchad.

— As provisões! as provisões! gritou o doutor.

E a caixa que as continha foi atirada no espaço.

A queda tornou-se menos rapida, mas os desgraçados continuavam a descer.

— Tudo fóra! gritou o doutor pela ultima vez.

— Não ha mais nada, disse Kennedy.

— Ha! respondeu Joe, persignando-se com rapidez.

E atirou-se pela barca fóra.

— Joe! Joe! exclamou o doutor terrificado.

Mas Joe já não o podia ouvir. O *Victoria*, deslastrado, subiu então á mil pés, e o vento, que entrava pelo envolvero roto, arrasou-o para as margens septentrionaes do lago.

— Perdido! disse o caçador desesperado.

— Perdido para nos salvar, respondeu Fergusson.

E duas grandes lagrimas correram pelas faces d'estes homens intrpidos. Quando se debruçaram para ver se podiam distinguir os vestigios do infeliz Joe, já iam longe.

— Que havemos de fazer? perguntou Kennedy.

— Descer á terra logo que seja possivel, Dick, e depois esperar.

O *Victoria*, depois de ter atravessado sessenta milhas, pousou n'uma encosta deserta, ao norte do lago. O caçador prendeu fortemente as ancoras n'uma arvore pouco elevada.

Caiu a noite, mas nem Fergusson nem Kennedy puderam dormir um só momento.

No outro dia, 13 de maio, viram os viajantes qual a parte da costa que occupavam. Era uma especie de ilha de terra firme cercada de pantanos immensos. Ao redor d'este bocado de terra solido estendiam-se cannaviaes, tão grandes como as arvores da Europa, a perder de vista.

Estes paizes intransitaveis eram um asylo seguro para o *Victoria*; precisava-se, porém, vigiar o lado que olhava para o lago. A vasta superficie aquosa alongava-se, mórmente para leste, perdendo-se no horizonte, onde se não avistava nem o continente, nem ilhas.

Os dois amigos nem ainda se tinham atrevido a falar no desventurado companheiro. Foi Kennedy o primeiro que avançou as suas conjecturas.

— Talvez que Joe não esteja perdido, disse elle. E' um rapaz destro e nada muito bem. Para elle era cousa de pouca valia atravessar em Edimburgo o *Firth of Forth*. Havemos de vel-o: como e quando, não sei; mas aproveitemos todas as occasiões que possamos proporcionar-lhe o nosso encontro.

— Deus te ouça, Dick, replicou o doutor com voz commovida, tudo faremos para achar o nosso amigo! Em primeiro logar orientemo-nos. Mas, primeiro que tudo, vamos desembaraçar o *Victoria* do envolvero inutil. Isto descarrega-nos de um peso consideravel, seiscentos e cincoenta arrateis, o que vale a pena.

O doutor e Kennedy metteram mãos á obra. Tiveram de vencer grandes difficuldades, porque foi preciso arrancar pouco a pouco o

taffetá mui resistente, tirando-o ás tiras por entre as malhas da rede. O rasgão produzido pelas aves tinha muitos pés de comprimento.

Esta operação não levou menos de quatro horas; mas o balão interior, depois de completamente descoberto, achou-se no melhor estado. O *Victoria* diminuiu de um quinto de volume, differença bastante sensivel a ponto de admirar a Kennedy.

— Isto bastará? perguntou elle ao doutor.

— Fica descansado, Dick. Eu hei de restabelecer o equilibrio, e se encontrarmos o nosso Joe, continuaremos com elle a derrota.

— Quando começámos a cair, Samuel, se a memoria me não falha, estávamos perto de uma ilha.

— Tambem eu me lembro d'isso; mas essa ilha, como as outras, é provavelmente habitada por uma raça de piratas e assassinos. Os selvagens viram sem duvida a nossa catastrophe, e se apanharam Joe, a não ser que a superstição o protegesse, não sei o que seria d'elle.

— Elle é capaz de se tirar de apertos: confio na sua destreza e intelligencia.

— Tambem eu. Agora, Dick, vae caçar ahí nos arredores, mas não te afastes muito. E' urgente que renovemos as provisões, que se perderam quasi todas.

— Está bom; eu volto breve.

Kennedy pegou n'uma espingarda de dois canos e atravessou por entre as hervas altas em direitura da primeira matta. O doutor foi avisado por frequentes detonações que a caçada era fructifera.

No entanto tratou este de relacionar os objectos que tinham ficado na barca para equilibrar o segundo aerostato. Existiam ainda uns trinta arrateis de pennican, algum chá e café, gallão e meio de aguardente, pouco mais ou menos, e uma caixa de agua vasia. Toda a carne secca desaparecera.

Sabia o doutor que, com a perda do hydrogenio do primeiro balão, tinha a força ascensional diminuido de novecentos arrateis pouco mais ou menos: esta differença era a base do novo equilibrio. O novo *Victoria* tinha de capacidade sessenta e sete mil pés cubicos, e continha trinta mil quatrocentos e oitenta pés cubicos de gaz. O aparelho de dilatação estava em bom estado; a pilha e a serpentina tambem.

A força ascensional do novo balão era, portanto, de tres mil arrateis pouco mais ou menos. Ajustando o peso do aparelho dos viajantes, da provisão de agua, da barca e accessorios, e embarcando ainda cincoenta gallões de agua, e cem arrateis de carne fresca, obtinha-se uma somma de dois mil oitocentos e trinta arrateis. Podiam por isso levar-se cento e setenta arrateis de lastro para os casos imprevistos; e assim ficava restabelecido o equilibrio do aerostato no ar ambiente.

Fergusson dispoz tudo em harmonia com este calculo, e substituiu por outro igual e peso de Joe. Gastou todo o dia n'estes diversos preparativos, que terminaram quando Kennedy chegou.

O caçador tinha sido feliz na caçada. Vinha carregado de gansos, de patos selvagens, de narcejas, de germanos e de tarambolas. Em seguida tratou de seccar e preparar a caça. Suspendeu peça por peça em cima de uma fogueira de lenha verde. Depois que Kennedy, que sabia d'isto, achou a caça em estado conveniente, arrecadou tudo na barca.

O caçador completou a final, no dia immediato, o abastecimento.

Os viajantes foram surpreendidos pela noite ainda com estes trabalhos. Cearam pemmican, biscoitos e chá. O canção que lhes tinha despertado o appetite, tambem os dispoz para o somno. Durante o seu quarto respectivo interrogou cada um as trevas, julgando ouvir a voz de Joe; mas, por desgraça, esta voz estava bem longe para que se fizesse ouvir.

O doutor acordou Kennedy ao despontar do dia.

— Tenho pensado muito, disse-lhe, no que havemos de fazer para achar o nosso companheiro.

— Seja o que for, agrada-me, Samuel: dize.

— Em primeiro logar é preciso que Joe saiba de nós.

— Justamente, não vá o pobre moço pensar que o abandonamos.

— Elle, não. Conhece nos bem. Nunca lhe passaria pela cabeça tal idéa; mas é preciso que elle saiba onde estamos.

— Como?

— Entremos na barca e subamos.

— E se o vento nos levar para longe?

— Espero que não ha de succeder tal. O vento ha de levar-nos para o lago; e esta circumstancia, hontem má, é-nos hoje propicia. Havemos de forcejar por nos mantermos sobre esta grande extensão de agua durante todo o dia. É impossivel que Joe não nos veja no ar, onde ha de ter certamente os olhos sempre fitos. E talvez até elle nos possa informar do logar onde se acha.

— Se está só e livre, sem duvida.

— E se estiver prisioneiro, como os indigenas não costumam encerrar os captivos, ha de ver nos e comprehender o nosso fim.

— Mas, emfim, voltou Kennedy, como é necessario prever todos os casos, que faremos se não encontrarmos vestigios alguma?

— Trataremos de voltar para a parte septentrional do lago, conservando nos o mais á vista que seja possivel. Ali esperaremos, explorando e batendo todas as margens, que Joe ha de sem duvida procurar, e não havemos de partir enquanto não empregarmos todos os meios de o achar.

— Vamos lá, respondeu o caçador.

O doutor tirou a planta exacta do bocado da terra firme que ia deixar. Avaliou pelo seu mappa, que estava situado ao norte do Tchad entre a aldeia de Lari e o logar de Ingemini, que ambos tinham sido visitados por Denham. No entanto Kennedy tratou ainda de arranjar carne fresca. Posto que os pantanos circumvisi-

nhos dessem mostras de haver rhinocerontes e hyppopotamos, não poudes ver um só d'estes grandes animaes.

Pelas sete horas da manhã, depois de grandes difficuldades a que Joe já estava acostumado, conseguiram desarmar a ancora da arvore a que estava presa. O gaz dilatou-se, e o novo *Victoria* subiu a duzentos pés. Primeiro pairou um pouco, girando sobre si; mas, a final, levado por uma corrente bastante forte, foi arrastado para o lago com uma velocidade que chegou a vinte milhas por hora.

O doutor manteve-se constantemente a uma altura que oscillou entre duzentos e quinientos pés; Kennedy descarregava a espingarda de quando em quando. Os viajantes aproximavam-se das ilhas quasi com imprudencia, vasculhando com a vista as matas, os bosques, as sarças, tudo que tivesse uma sombra, porque até o reconcavo de um rochedo podia ter abrigado o companheiro. Aproximaram-se das compridas pirogas que sulcavam o lago. Os pescadores, aos vel-os, deitavam-se á água e nadavam para as ilhas com mostras de muito medo de que estavam possuidos.

— Nada, disse Kennedy, depois de duas horas de investigações. Esperemos, e coragem, Dick. Parece-me que não estaremos longe do logar do sinistro.

As onze horas tinha o *Victoria* andado noventa milhas. Encontraram então uma nova corrente que os levou para leste, quasi em angulo recto, por espaço de umas sessentas milhas. Pairou por cima de uma ilha vasta e muito povoada, que o doutor julgou ser Farran, onde se acha a capital dos Biddiomash. Esperava a cada momento ver surgir Joe de qualquer moita, fugindo e chamando por elle. Se estivesse livre, ser lhés-lhe facil de havel-o ás mãos, e, mesmo preso, reproduzindo a manobra empregada por causa do missionario, depressa o teriam em sua companhia. Mas nada appareceu e nada se moveu. Era para desespearar.

As duas horas e meia o *Victoria* chegou á vista de Tangalia, aldeia situada na margem oriental do Tchad, a qual foi o ponto extremo onde chegou Denham na sua exploração.

O doutor inquietou-se com a direcção persistente de vento que o levava para o oriente, impellindo-o para o centro da Africa, onde se dilatam os desertos sem fim.

— É absolutamente indispensavel que paremos, disse elle, e até que lancemos ferro. Não podemos afastar-nos do lago por causa de Joe. Mas vejamos primeiro se podemos encontrar uma corrente opposta.

Durante mais de uma hora tentou differentes zonas. O *Victoria* continuava sempre a derivar para a terra firme; mas, por felicidade, a mil pés, uma corrente violenta levou-os para noroeste.

Não era possivel que Joe se achasse n'alguma ilha do lago, se assim fôsse teria certamente achado meio de dar signal de si. Talvez o tivesse levado para terra. Assim pensou o doutor quando tornou a avistar a costa septentrional do Tchad.

Que Joe se tivesse afogado, era inadmissivel. Comtudo uma idéa horrivel assaltou a Fergusson e a Kennedy; os caimans são muito frequentes n'estas paragens! mas nem um nem outro teve a coragem de expressar uma tal apprehensão. Mas tão manifestamente se revelou ella, que o doutor disse sem mais preambulos:

— Os crocodilos só se encontram nas margens das ilhas ou do lago. Joe havia de saber evital-os. Demais, são pouco perigosos, porque os africanos banham-se nas aguas sem medo.

Kennedy não respondeu. Proferiu calar-se a discutir esta terrivel possibilidade.

O doutor apontou para a aldeia de Lari ás cinco horas da tarde. Os habitantes colhiam algodão em frente das cabanas feitas de vimes enlaçados, dentro de cerrados limpos e cuidadosamente arranjados. Eram umas cincoenta cabanas reunidas, que occupavam uma pequena depressão de terreno, n'um valle estendido entre montanhas baixas. A força do vento levava o doutor para mais longe do que elle queria; mas mudou novamente de zona, indo dar justamente ao seu ponto de partida, aquella especie de ilha onde passara a noite precedente. A ancora não agarrou os ramos de uma arvore, mas um molho de cannas misturadas com a vasa espessa do paul, que apresentava uma consideravel resistencia.

Custou-lhe a suster o aerostato; mas o vento amainou de noite, e os dois amigos velaram simultaneamente, quasi desesperados.

JULIO VERNE.

CHRONICA

Estão em moda os banquetes e não se pode dizer que não seja uma moda bonita. Em torno de uma meza de jantar, mais ou menos galhardamente florida, abrem-se a um tempo o appetite, o bom humor e a eloquencia. A individualidade em honra de quem se reúnem umas duzias de homens, admiradores ou amigos, fica assim em fóco; se é realmente notavel, destaca-se; se pelo contrario é mediocre, eclipsa-se. O banquete d'esta quinzena na sociedade de Geographia teve um cunho especial de enthusiasmo e de patriotismo, enthusiasmo pelos serviços prestados por quem se procurou festejar, e patriotismo pelo resultado d'esses serviços.

E' dizer com isto que a figura insinuante, por mais de um título saliente no nosso meio social, do illustre representante de Portugal junto da côrte de S. James mais se engrandeceu com a justa homenagem de uma agremiação culta e distincta.

E' um tanto avessa a chronica a elogios e muito mais ainda a lisonjas. Não precisa nem de uns nem de outros o sr. Marquez de Soveral cujo retrato mais uma vez apparece nas paginas d'esta illustração artistica — e póde accrescentar-se mesmo aristocratica sob o ponto de vista da arte — e arte é sem duvida a diplomacia, quando bem comprehendida e bem exercida. Mais do que nenhuma outra entidade, o diplomata precisa ser um artista, para se insinuar, para se fazer apreciar, e para se tornar admirado. A arte de agradar deve ser um dos seus fitos mais cuidadosamente visados, e não se deve negar que essa arte possui o Marquez de Soveral, como raros.

Entre os discursos que o saudaram n'essa noute, um houve, que destacou com verdade a sua figura de homem, buscando-lhe a psychologia. Encontrou-a. Os exitos da sua carreira diplomatica evidenciam-se n'esse rapido estudo em que tão finamente e com tanta verdade fica em relevo a situação que elle conseguiu na erudita Allemanha sem ser um sabio, na bulhçosa Hespanha sem ser um entusiasta, na fria Inglaterra, sendo um meredional. Esses exitos são a consequencia de multiplices qualidades que fazem do Marquez sempre em qualquer sociedade em que se encontra, um homem encantador. Outra arte que elle possui, a de saber adaptar as suas qualidades ao meio em que está: é alegre e jovial com os inglezes, é distincto e sensato com os graves, é gentil e delicado com as mulheres, é agradável e bom com os pobres. Quem uma vez lhe falla, não o esquece mais e pode ter a certeza, como de resto succede tanta vez, que nunca mais deixa de ser reconhecido por elle. Honras e distincções que dos grandes e poderosos tem recebido, nunca o desvaíram na sua vaidade como succede a tantos que difficilmente conseguem roçar-lhe pela sua estatura moral.

Por isso, a ideia da Sociedade de Geographia, glorificando-o n'uma homenagem tocante, encontrou logo echo em todos os associados e, estadistas, professores, sabios e artistas, todos se reuniram com espontaneidade notavel n'um banquete para testemunhar-lhe a gratidão do paiz que elle tem sabido honrar sempre em terras estranhas. Como succede a todos — e Soveral não podia ser uma excepção á regra geral — nem sempre os seus serviços foram apreciados com justiça, mas a verdade sobrenada sempre n'esse mar revoltado das luctas politicas e sociaes, e hoje, toda a gente percebe que Portugal lhe deve, collaboração preponderante n'essa grande obra de tornar pratica uma alliança que parecia esquecida.

Bem sabemos que as amizades das nações são menos sentimentaes do que as dos homens, mas por isso mesmo e porque se accentuam em factos positivos mais duradouras são. Quiz o acaso que na Africa do sul podessemos, pela situação especial de uma das nossas colonias mais adiantadas, prestar uma vez serviços importantes á Inglaterra, com quem andavamos amuados, e tanto bastou para que o soberano d'esse paiz se apressasse a vir dar-nos com a honra de uma visita o agradecimento do seu paiz, confirmando assim que as nações pequenas tambem teem o seu prestimo.

Não foi de resto difficil a tarefa dos que se esmeraram em estreitar a amizade entre Portugal e a Inglaterra, porque não rareavam na nossa historia provas evidentes d'essa alliança e não era justo que um motivo só de queixa podesse prevalecer a tantos de gratidão.

Uma vez perguntava Luiz Philippe a Tayllerand o que fizera elle para deitar abaixo o Directorio e depois Bonaparte e o celebre diplomata que começou a perceber ter perdido o favor real, respondeu-lhe: — Nada, sire. Mas que quer V. M? É inexplicavel o que tenho em mim: dou sempre a desgraça aos governos que me esquecem.

O Marquez de Soveral que nunca sequer deitou abaixo um ministerio, poderá responder a quem lhe pergunte o que fez elle para ser tão querido: — Nada, mas é inexplicavel o que tenho em mim: dou sempre a felicidade aos que de mim se lembram...

A sorte é ainda uma grande qualidade para os homens que trabalham. A intelligencia vale muito, mas sem sorte nada se faz. No mesmo ramo da actividade humana, dous individuos encontram-se a par um do outro: um sossobra, o outro vence. Diz-se logo: — é sorte. Pois é exactamente de homens com sorte que o paiz precisa.

O outro facto importante da quinzena foi a abertura do parlamento. Os deputados novos chegaram a tempo: vieram com a primavera. E' possivel no entanto que lhes não atapetem o caminho com flores, porque de espinhos está sempre cheia essa estrada por onde teem de enveredar com todos os tropos da sua rhetorica e a eloquencia dos seus apoiados. Muitos veem pela primeira vez ao parlamento, porque os antigos hoje bateram todos azas para a Camara alta onde se está concentrando mais a attenção politica das galerias. D'antes, essa ascensão ao pariato era senão mais difficil pelo menos mais demorada, mas hoje como então ella representa quasi sempre uma carta de alforria passada pelos partidos. Quando se envergam os arminhos de par, atira-se com o partidario *par dessus les moulins*, e proclama-se a independencia. Tem succedido assim muitas vezes e não nos admira que continue a succeder. Ha excepções. Partidarios dedicados ficam alguns firmes no seu posto, mas outros quebram os laços de solidariedade, e a todos resta pelo menos essa alegria naturalmente humana de dizerem com os seus botões: ao menos agora solicitem-me o voto, quando d'antes era eu que os pedia. O que não quer dizer que elle o dê com mais justiça do que aquella com que os outros lh'os deram quando elle os pedia...



Conde e Condessa de Burnay com todos os seus netos
Grupo interessantissimo de uma das mais numerosas familias da sociedade portugueza

Empreza Taveira

Artistas da companhia de opereta, que no dia 3 de maio seguirá para o Rio de Janeiro



Affonso Taveira



Thereza Mattos



Rangel Junior



Dolores Rentini



Georgina Cardoso



Gomes Junior



A. Vasconcellos



A. J. Mattos



Amelia Barros



J. Maria Correia



Delphina Victor



A. Santos (Santinhos)



Carlos Vianna



Almeida Cruz



Gabriel Prata



Augusto Conde



Elvira Cardoso



Beatriz Santos



Luiz Filgueiras



Bella Dyson



Stella Deslandes



Raquelinda Pontes



Raphael Salcaterra



Antonio Paiva



Nascimento Correia



Albuquerque



Traços da Africa equatorial

Muito interessante e variado nos seus aspectos se apresenta o litoral da costa occidental da Africa a partir do Cabo das Palmas para o Nascente, depois de terminar o territorio da Republica da Liberia. Situado na zona torrida poucos graus apenas ao Norte do equador, de tal modo que só excepcionalmente em noites muito claras, pode ser vista a estrella polar, veste-se a costa de uma opulenta e luxuriante flora em que predominam as palmeiras de varias denominações.

Pasado o Cabo das Palmas que boja para o Sul, segue a terra, recuando um pouco para Norte e muito para Leste, formando o profundo golfo de Benim, da Guiné ou de Biafra, pobre em portos de abrigo mas rico de um commercio activissimo.

Varios rios importantes e caudalosos, alguns de curso extenso e em grande parte navegavel, veem do Norte a Sul lançar no Oceano o seu tributo, taes como o Gran Bassan, o Volta, o Whémé, o dos Forcados, o Niger propriamente com o seu muito complicado delta e finalmente o dos Camarões. Essas grandes massas d'agua que veem assim arrastando areias até ao mar encontram alli as grossas mareas ou calêms, provenientes dos ventos geraes locais e tambem da larga ondulação propagada mais do Sul pelos temporaes do Cabo da Boa Esperança. Esse poderoso obstaculo levantado assim pelo Oceano á livre sahida das aguas doces faz com que a maior parte das areias, actuada pelas duas forças contrarias, se eleve em dunas mais ou menos largas que formam quasi um paredão extensissimo, sobre o qual o mar bate furiosamente. As aguas doces, assim represadas, formam lagôas irregulares paralelas á

beira-mar, e canaes de comunicação entre alguns dos grandes cursos d'agua, que são outros tantos meios de comunicação naturaes que a Providencia ao commercio offerece. Apenas duas aberturas permanentes conhecemos existirem entre essa rede de canaes e lagôas interiores e o mar, e são as de Popó Grande e Lagos. Em Kotonou, umas vinte milhas ao Nascente de S. João Baptista de Ajudá, tambem, quando a massa d'aguas interiores se eleva muito na estação das grandes chuvas, irrompem as aguas impetuozas para o mar e formam uma abertura temporaria que depois vem novamente a ser fechada quando o equilibrio volta a ser restabelecido.

Por varios nomes teem sido designadas diversas grandes secções d'esta costa; a saber, a costa do Marfim, a do Ouro e a dos Escravos. Hoje, porém, estas denominações vão sendo esquecidas e substituidas por outras mais em harmonia com as modernas designações politicas das nações europeas que por alli teem estabelecido dominio. Temos assim o paiz dos Ashantis sob a jurisdicção da Gran Bretanha, onde está o conhecido ponto commercial de *Cape Coast Castle*, o Togo allemão, cuja capital está em Popó pequeno, o Dahomey hoje sob protectorado francez, com a capital maritima e commercial em Kotonou, mas com a capital politica em Porto Novo ao Norte da grande lagôa Denham, a colonia ingleza de Lagos, o Benim inglez e a Nigeria, e finalmente a colonia allemã dos Camarões que se dilata consideravelmente para o Norte até ao lago Tchad.

Incravado no Dahomey e a uns quatro kilometros da costa, entre Popó grande e Kotonou está a antiga, e insignificante fortaleza portugueza de S. João Baptista de Ajudá que pouca importancia teve em tempos antigos, e que hoje nenhum valor militar, politico ou commercial possui, desde que está cercada por territorio da França.

Os portos ao longo d'esta beira-mar em uma extensão de mais de 800 milhas, são apenas os ancoradouros agitados em frente das

povoações ou mesmo das feitorias, sempre desabrigados e em que o embarque dos generos do paiz, e o desembarque das mercadorias da Europa para a permuta com o gentio, se operam sempre em circumstancias de mais ou menos difficuldade e mesmo de perigo.

Inda assim, o paiz é tão rico, a febre do ganho tão ardente, e a concorrência dos negociantes tão activa, que muitas linhas de navegação a vapor francezas, inglezas e allemãs mantem regularissimas communicações muito frequentes entre esses diversos pontos e os portos de Marselha, Bordens, Liverpool, Southampton, Hamburgo e outros. Alem das linhas de vapor vão tambem aquella costa varios navios de veila principalmente italianos fretados por



S. Thomé. — Um rio

algumas das firmas exportadoras para carregar azeite de palma em pipas que é o principal artigo de exportação.

D'entre as aberturas que mencionámos existirem no areial costeiro, a principal e mais funda é Lagos, a qual dá acesso a navios que não demandem mais de 12 pés, e põe assim em communicação com o mar o extenso perimetro das complicadas e sinuosas lagôas e canaes interiores. Em Lagos, que é uma formosa e bem construida cidade de perto de 40.000 habitantes pittorescamente edificada no lado oriental do canalete que conduz da barra á lagôa, o clima é tão deprimente e mortifero para os europeus, que entre tantos habitantes não haverá mais do que uns 150 d'estes ultimos, incluindo as principaes autoridades. A maior parte dos funcionarios publicos, directores de bancos, agentes de linhas de navegação, commerciantes, medicos, advogados, etc., são cavalheiros pretos muitissimo bem educados e instruidos, que assimilaram tão bem e tão completamente a civilisação ingleza, que tem todo o enthusiasmo pelo sport de corridas de cavallos, jogos athleticos, regatas de embarcações miudas na lagôa, etc., etc.

Quem escreve estas linhas teve ha annos o prazer de jantar em casa do governador inglez de Lagos sir Gilbert Carter: festa de grande cerimonia e etiqueta, e em que todos os outros convivas em numero de 18 eram pretos! A senhora de maior consideração, de côr de azeviche e carapinha, que foi conduzida á mesa pelo braço do governador, empavesado com a sua farda e condecorações, era Mrs. Rendall, esposa do chefe do serviço de saude, preto como ella, mas senhora de primorosos dotes de espirito, educada em Windsor, afilhada da rainha Victoria que lhe escrevia de vez em quando cartas muito affectuosas. Esta senhora falava o inglez e o allemão e cantava admiravelmente! Prodigios da flexivel e pratica politica colonial britannica que bem pouco se parece ás vezes com a nossa.

Deixemo-nos porém de considerações d'essa ordem e prosiagramos na nossa desprezenciosa descripção d'este trecho da Africa.

Chegada ao rio dos Camarões a costa vira repentinamente para Sul e segue ao longo de territorio francez, allemão, belga e finalmente portuguez, paizes que hoje não deterão a nossa attenção.

Junto á foz e na margem direita do rio dos Camarões ergue-se muito abruptamente a magestosa montanha de que não conhecemos nome especial, e que não tem menos de 4.000^m de elevação; e d'ahi para o Sudoeste proximo, encontramos uma enfiada de quatro ilhas notaveis, todas perfeitamente alinhadas, quasi equidistantes, de grande elevação relativa á sua area, em uma extensão total de perto de 420 milhas entre a montanha dos Camarões e a ultima das ditas ilhas, as quaes formam outros tantos pontos salientes de um colossal esporão ou contraforte que ampara por aquelle lado o continente contra as furias bravas do Oceano.

A primeira ilha que topa quem larga dos Camarões para o sudoeste é a grande ilha hespanhola de Fernando Pó ou Fernão do Pó, com altitudes de 2850^m. Seguem-se a ilha do Principe e a de S. Thomé sob o dominio de Portugal, e mais ao largo como ultima sentinella avançada pelo mar fóra, menor que todas as outras, a ilha hespanhola do Anno Bom.

Por ordem de grandezas, é a primeira a de Fernando Pó, S. Thomé a segunda, seguindo-se o Principe e o Anno Bom.

Quem passa entre Fernando Pó e a costa, pelo Norte da ilha goza de um espectáculo magestoso vendo a curta distancia uma da outra duas montanhas altissimas, cheias de frondosa vegetação.

De todas as quatro ilhas mencionadas é incontestavelmente S. Thomé a mais productiva, a mais fertil e a mais bem cultivada e aproveitada em todo o sentido! Pode mesmo dizer se afoitamente que é nas suas dimensões um dos mais fecundos torrões de todo o mundo! Concorre para isso estar junto do equador e ter uma natural distribuição de agua abundantissima.

Coberta de vegetação arborea luxuriante, desde as praias do mar até aos pincares das mais altas montanhas a perto de 2000^m de altitude, e cortada de torrentes de aguas limpidas da melhor qualidade, que nascem quasi nos mais altos picos e se despenham em cascatas que espadam fertilisando aquellas encostas, apresenta, a par de climas variados conforme a altitude, paizgens de uma belleza incomparavel!

A orographia da ilha não é muito complicada, porque o seu perimetro é pequeno relativamente ao porte magestoso do seu mais elevado pico. Irradiam d'este em varias direcções espinhaços mais ou menos alcantilados e asperos, que se dividem e subdividem em contrafortes e outeiros de menor vulto, muitos de aspecto vulcanico que vão descendo até o mar.

E' para Leste do pico e na parte Norte da ilha que ha maior distancia até á praia, e é por isso talvez que n'essa direcção tem sido menos aspero subir as encostas da cordilheira central com caninhos, sempre de difficil entretenimento; e como é do lado oriental da ilha que está o porto de Anna de Chaves onde se estabeleceu a capital politica e commercial da terra, é justamente d'ahi que tem mais rapidamente trepado pelas encostas e alastrado para o interior a cultura do cacau e do café, com o seu inevitavel cortejo de derrubadas das arvores colossaes e emmaranhadas que constituem as assombrosas florestas virgens d'aquella ilha incomparavel!

Sendo pois a parte Norte e Leste da ilha justamente aquella onde em mais larga escala se tem desenvolvido a cultura arbustiva das duas unicas plantas que formam a preocupação dos agricultores, por isso que é, como acabamos de ver, a que se apresenta mais suave para o transporte dos generos para o porto, é tambem aquella onde a desarborisação tem afugentado as nuvens pluviosas modificando sensivelmente já as condições meteorologicas da região.

Devemos dizer que não mais de um terço da area da ilha está cultivada, restando ainda portanto dois terços talvez que estão cobertos de florestas virgens. Muito conveniente seria pois, que o governo estudasse com attenção o regimen das chuvas em S. Thomé e determinasse a severa regulamentação das derrubadas de arvores, afim de salvaguardar convenientemente interesses futuros, geraes e particulares de incalculavel magnitude. Procedendo-se levemente com as desordenadas devastações que teem sido feitas estamos matando a gallinha dos ovos de ouro.

Não terminaremos esta descripção sem extrahir do diario nautico da corveta *Mindello* a narraçao do termo da sua viagem de S. Thiago de Cabo Verde para a ilha de S. Thomé onde chegou a 28 de dezembro de 1891. Era a primeira vez que iamos á formosa ilha equatorial, e tivemos o raro ensejo de ver a quasi repentinamente e em todo o seu mais deslumbrante esplendor. O crepusculo no equador é um phenomeno rapido, quasi instantaneo; e como



S. Thomé. — Habitações de serviçaes de uma roça

iamos demandando a ilha em magnificas condições de tempo e estavamos a doze milhas de distancia da parte Noroeste d'ella, que é justamente a mais aspera e portanto a mais pittoresca, apresentou-se repentinamente a madrugada e pouco depois o sol illuminando um quadro phantastico. Na nossa frente e por estibordo o vulto arrogante da ilha com as suas arvores altissimas e de nobilissimo porte, dominadas pelo pico central; em todo o resto do horizonte o mar azul e profundo. Parecia uma vista theatral, porque passavamos inesperadamente das trevas da noite, quasi sem transição, para um scenario de arrebatador!

AUGUSTO DE CASTILHO.

Grupo d'officiaes da direcção geral dos serviços d'Estado Maior



Da esquerda para a direita, 1.º plano (sentados): — Capitão Castro Lopes — Major Eduardo Costa — Coronel Rodrigues Ribeiro — Coronel Elvas Carneira (director geral) — Coronel Lobinho Zuzarte — Major Costa Macedo — Capitão Carvalho Martins.

2.º plano (de pé): — Alferes de caçadores Arrabas Machado — Tenente João d'Almeida — Capitão de cavallaria Miranda Diniz — Tenente Correia dos Santos — Tenente Figueiredo Campos — Tenente Balduino Seabra — Capitão Angelo Cruz — Tenente Mascarenhas — Tenente Mario Homem — Capitão Ortigão Peres — Tenente Roberto Baptista — Tenente d'administração militar Centeno.

3.º plano: — Tenente Moraes Sarmento — Tenente Cruz e Sousa — Tenente Freiria — Tenente Sant'Anna Cabrita — Capitão Rodrigues Bastos — Tenente Miranda.

Direcção geral dos serviços de Estado Maior

Em todas as potencia estrangeiras se tem organizado no exercito o serviço de estado maior general. Este serviço comprehende um estado maior d'exercito e tem por attribuições: a direcção superior do exercito, a sua instrucção, operações, serviço de caminhos de ferro, telegraphos, correios e serviços geographicos.

Existe em todos um chefe d'estado maior general do exercito, que na Allemanha tem uma acção suprema.

Na Austria e Italia, a sua situação é modificada pela commissão consultiva do estado maior. Em todas as nações, ao lado da parte



Coronel Elvas Cardeira

Director geral dos serviços de Estado Maior

militar, encontra-se a secção technica, especialmente encarregada do serviço geographico.

Todas as potencia tem adoptado o maximo escrupulo no recrutamento dos officiaes d'estado maior.

Em Portugal não se tem ficado atraz, nas habilitações exigidas

aos candidatos que aspiram á posse das agulhetas prateadas, ainda que as vantagens concedidas não sejam de molde a arrostar com os sacrificios impostos por um curso penoso e violento.

Nem sempre nas estações superiores tem havido para com esta instituição militar a consideração e autonomia que lhe são pecu-



Coronel Rodrigues Ribeiro

Chefe de Estado Maior e ajudante de campo d'El-Rei

liares nos outros exercitos; ao menos, quando a consideram como órgão consultivo. Infelizmente assim tem acontecido.

Só depois das convulsões politicas que o paiz atravessou desde 1820 a 1834 é que se reconheceu a necessidade de habilitar com conhecimentos especiaes os officiaes destinados aos serviços d'estado maior, constituindo-se o corpo d'estado maior com esses officiaes em 18 de junho de 1834.

O seu quadro foi composto de quarenta officiaes commandados por um general.

O quadro era formado pelos officiaes nas provincias, divisões, brigadas, e ajudantes d'ordens, sem declarar o numero de cada classe, nem as habilitações que deviam possuir para serem admitidos.

Em 14 de dezembro de 1836 a commissão do estado foi incumbida d'estabelecer um plano d'estudos e a organização a dar ao estado maior. Em 1837 estabeleceu-se na Escola Polytechnica o curso preparatorio e na do exercito o curso militar dos estudos para o estado maior.

Em 12 de janeiro de 1837 havia apenas 19 officiaes de diferentes classes, apesar do decreto de 18 de janeiro de 1834 determinar 40, não fixando habilitações e desde aquelle decreto não podiam ser admittidos ao corpo sem as possuirem.

Em 1836 já aquella commissão determinava que os officiaes dos estados maiores seriam encarregados d'organisar em todo o em todo o reino os trabalhos topographicos, reconhecimentos militares, trabalhos estatisticos e cartas militares do reino.



Officiaes de Estado Maior. — Estudando instrucções de combate

Em 7 d'agosto de 1838 propoz-se a extincção do corpo d'estado maior, ficando o ministerio encarregado de reorganisa-lo com officiaes que fossem bachareis em mathematica, ou tivessem os cursos d'engenharia, artilharia, decretado para officiaes d'estado maior.

Apesar d'isso, conserva-se como estava e foram admittidos em 1839 alguns officiaes com a classificação de bachareis.

Foi permittido ao governo conservar os officiaes que pela sua distincção merecessem pertencer ao corpo d'estado maior, sendo destinado um general para seu commandante.

Varias modificações foram sendo introduzidas nas leis relativas ao serviço d'estado maior do exercito, até á actual que o distribue pela direcção geral de serviço d'estado maior, pelos estados maiores das divisões militares territoriaes e das brigadas de infantaria e cavallaria em tempo de paz, e pelo pessoal do serviço do estado maior em tempo de guerra.

A direcção geral do serviço d'estado maior está a cargo d'um official de estado maior general, ou em falta ou impedimento d'este poderá estar a cargo do coronel mais antigo do quadro do serviço d'Estado Maior. Actualmente dá-se este facto, sendo director geral o sr. coronel Elvas Cardeira.

A secretaria da direcção geral de serviços d'estado maior é constituída por tres repartições. Pertence á 1.ª repartição a entrada e distribuição de correspondencia dirigida á direcção geral, escripturação e dar plena execução á missão das ordens do director geral.

A 2.ª repartição, que actualmente tem como chefe o sr. major Costa Macedo, pertence: o estudo da organização e mobilisação dos exercitos estrangeiros, dos melhoramentos a introduzir no nosso exercito na paz e na guerra, regulamentos de campanha e varios outros que se prendem com o recrutamento, requisições etc.

São simplesmente assombrosos os trabalhos produzidos n'esta repartição, pela sua utilidade, estudo coordenado e methodico que representam. Assim é para registar o ultimo regulamento de campanha com que foi dotado o nosso exercito, as instrucções para as diferentes armas do exercito em via de apparecerem a publico, e um sem numero de trabalhos que é pena que alguns d'elles se tenham tornado estéreos e não sejam conhecidos do exercito e da grande massa do publico que pela sua instrucção podesse com toda a justiça avaliar do alto grau da preparação do nosso corpo d'estado maior.

A 3.ª repartição é a que tem prestado maiores serviços á população do paiz pelo grande numero de valiosissimos trabalhos tipographicos e pela conhecida carta itineraria que é uma obra que pode apparecer em toda a parte do mundo como um verdadeiro modelo de correcção e valor.

Assim na ultima exposição cartographica inaugurada na Sociedade de Geographia foi a 3.ª repartição do estado maior galar-doada com um diploma altamente honorifico.

Esta repartição tem como chefe o sr. coronel Jayme Zuzarte. A bibliotheca da direcção geral dos serviços d'estado maior é das mais completas em obras da especialidade.

O gabinete de desenho, pena é que, em vista das más condições do edificio, não possa ser installado em harmonia com as exigencias dos trabalhos d'esta natureza, o que é para lamentar por não se poderem empregar tão proficientemente as multiplas aptidões d'este quadro d'élite do nosso exercito.

O actual chefe d'estado maior da direcção geral é o sr. coronel Antonio Rodrigues Ribeiro.

Muito tem o exercito e o paiz a esperar d'esta distincta corporação d'officiaes, que o *Brasil-Portugal* tem a honra de dar hoje em grupo nas suas paginas, agradecendo ao sr. director geral Elvas Cardeira a amabilidade com que se dignou a ceder ao nosso convite.



Coronel Manuel Antonio dos Santos Dias

Um brasileiro que honra o seu paiz e a sua terra natal — Pernambuco, onde a agricultura lhe deve grandes serviços, e onde fundou a Usina de Santa Filonila. O nome do coronel Santos Dias está ligado á estada do «Adamastor» em Pernambuco. Por essa occasião de regosijo na colonia portugueza offereceu, em sua casa, uma festa á officialidade d'este navio então commandado por Ferreira do Amaral, festa brilhante a que assistiram 500 convivas. O coronel Santos Dias é um philanthropo, querido de todos os portuguezes pobres do Recife, para os quaes a sua bolsa está sempre aberta.



Dr. Luiz Xavier da Costa

34 annos apenas e um nome já celebre entre os clinicos de Lisboa. Fez-se ao lado de Gama Pinto no Instituto de ophthalmologia. É medico do hospital de S. José, socio titular da Sociedade de Sciencias Medicas, socio correspondente da Academia Real das Sciencias, e, em doenças dos olhos, um perito consummado, cujo retrato honra hoje esta columna do «Brasil-Portugal».



*Lady Bunsen, ministra de Inglaterra
No pavião do Terreiro do Paço. No dia da partida da Rainha*



D. Maria, *El-Rei Seleuco*, *O Fidalgo Aprendiz*. — **D. Amelia**, *A Nossa Mocidade*, *Branco e Negro*, *Cesar Tomson*, *A Orchestra Lamoureux*. **Trindade**, despedida da Companhia. — **Gymnasio**, *A Madrinha de Charley*. — **Principe Real**, *O Licor de Ouro*

A exemplo da *Comédie Française* procura a empresa societaria de **D. Maria** arrancar de quando em quando dos velhos archivos peças que o tempo consagrou, nacionaes ou estrangeiras, e algumas pela primeira vez interpretadas em lingua portugueza.

Perten em a este grupo as de Moliere e Shakespeare, tendo sido a ultima o famoso *Rei Lear*, do grande tragico inglez.

D'esta vez foi arrancar dos archivos nacionaes obras de theatro de Camões e de D. Francisco Manuel de Mello.

El-Rei Seleuco não tinha sido representado ainda em Portugal e é o auto mais bello dos que escreveu o auctor das *Lusiadas*.

Dir-se-ia que o gigante para repousar das concepções litterarias e das creações épicas da sua phantasia inexgotavel se comprazia em deliciar o espirito escrevendo essas pequeninas obras primas que eram pequeninos nadas para o seu genio, mas que ainda hoje, a quatro seculos de distancia, se saboreiam como um acepipe litterario e se ouvem n'um embevecimento do espirito.

D'este assumpto ligeiro e domestico: os amores de D. João III, ainda principe, com a sua madrastra, fez Camões em prosa e verso um auto encantador em que a finura da linguagem, a graça portugueza, a profundeza dos conceitos, o acerado dos epigramas e a variedade dos trocadilhos, tem um sabor ao mesmo tempo classico e moderno que devia ter deliciado os ouvidos de gerações muito afastadas, como ainda hoje encanta os que veem desdobrar-se n'um palco moderno tanta subtilidade de linguagem e tão refinado gosto litterario.

Nada mais difficil que o desempenho d'este genero de peças. O artista que tenha de interpretar personagens tão fóra do seu meio e até da sua visão precisa ter uma intuição viva da tradição e da arte para não descambar no ridiculo; e o *Rei Seleuco* teve em D. Maria um bello exito. Quer dizer: sahiram-se a primor das difficuldades que tinham a vencer os artistas a quem foram confiados os papeis, especializando se entre elles Maia, Ferreira da Silva, Augusto de Mello, Ignacio, Joaquim Costa, Luz Velloso e Augusta Cordeiro.

O Fidalgo Aprendiz é uma farça, em 3 jornadas, de D. Francisco Manuel de Mello. Engraçada tambem, com um accentuado cunho da epoca, justo é dizer, que apesar de muito posterior ao *Rei Seleuco*, ouve-se com menos agrado, porque a ingenuidade que a caracteriza nem sempre cala bem no ouvido moderno.

Desempenharam-na primorosamente: Joaquim Costa, no fidalgo fanfarrão, Ferreira da Silva, Carlos Santos, Mello, Carolina Falco, Cecília Machado e Luiz Pinto.

Ao gerente da empresa societaria, sr. Fernando Maia, se deve o resurgimento d'estas peças, o que representa um valioso serviço á arte e ao publico.

No theatro **D. Amelia** tem continuado a triumphar o talento original de Capus, que encontrou no sr. Accacio de Paiva escriptor proprio para lhe reproduzir toda a delicadeza dos conceitos, toda a finura do estylo e todos os imprevistos da linguagem.

O traductor da *Nossa Mocidade* conseguiu dar em boa linguagem portugueza a maneira artistica e a individualidade litteraria do primoroso comediographo francez.

E' já tarde para falar da *Nossa Mocidade*, mas não o é para pôr em relevo o que ha de delicado e de encantador n'essa figura feminina, essa creança de 17 annos cheia de honestidade e de orgulho que, filha natural, encontra por acaso o pae n'uma praia franceza e só se resolve a acompanhá-lo depois de dar logar ás scenas mais commoventes e enternecedoras que no theatro moderno se podem exhibir. Prima a *Nossa Mocidade* sobre todas as outras peças de Capus pela ternura do sentimento, não sendo inferior a nenhuma d'ellas na riqueza do estylo, nos encantos da linguagem dialogada.

Laura Cruz reúne todas as condições para dar a esse papel uma alta interpretação: singeleza, meiguice, orgulho, altivez.

E' porventura o seu melhor trabalho de theatro.

Lucilia, Brazão, Augusto Rosa, Augusto Antunes, Josepha de Oliveira e Carlos de Oliveira interpretaram brilhantemente os outros personagens da formosissima comedia.

Visto estar falando dos artistas do **D. Amelia** aproveito o ensejo de dizer n'este logar que o *Brasil-Portugal* consagra hoje duas das suas paginas a Augusto Rosa, um dos maiores que tem illuminado o theatro portuguez, podendo por esta forma artistica lembrar o nos principaes papeis da sua vasta galeria os leitores d'esta Revista.

A ultima peça que se representou n'este theatro foi o *Branco e Negro*, importada de Inglaterra e correctamente traduzida.

E' um tanto ingenua, feita em moldes um pouco antiquados, mas salva-se pela graça do dialogo e pelo desenho d'alguns personagens, aos quaes deram correcta interpretação Augusto Rosa, Pinheiro, Alves, Carlos de Oliveira e Maria Pia.

O violinista Cesar Tomson com o seu alto sentimento artistico e a sua incomparavel virtuosidade, e a orchestra Lamoureux, que justificou esplendidamente a fama que a precedia, completaram as novidades sensacionais d'este ultimo periodo do theatro **D. Amelia**.

Está a fechar as suas portas o theatro da **Trindade** cuja companhia vae deixar-nos para trocar pelos applausos do publico do Rio de Janeiro os do publico de Lisboa.

Nenhuma peça nova deu ainda á luz da ribalta depois dos *Raios X*, o que prova o exito de todas as noites alcançado pela Revista.

Parece comtudo que não quer a empresa despedir-se do seu publico sem lhe dar um novo trabalho theatral; para isso ensaia a peça original de Cunha e Costa, com versos de Machado Correia, *A Muss dos Estudantes*, que subirá á scena antes da partida da companhia e fará parte do repertorio do Brasil.

Em breve deixam Lisboa os artistas d'este theatro. Mais uma vez vae Affonso Taveira ao seu querido Brasil servir ao mesmo tempo a arte portugueza e procurar a justa compensação dos seus esforços de empresario perseverante e habil.

O *Brasil-Portugal* publica hoje os retratos d'esse empresario e d'esses artistas para que através da photogravura as suas effigies cheguem primeiro que as suas pessoas.

Nenhuma peça nova ha a registar durante a quinzena no **Gymnasio**.

Teve comtudo o successo d'uma *première* a *Madrinha de Charley* em que Valle no seu antigo papel provou que dez annos corridos sobre a vida de um artista nada valem quando elle tem a envergadura e a graça de Valle.

Teremos por estes dias uma comedia nova em 4 actos, *Coração de Mulher*, que Eduardo Noronha adaptou á scena portugueza destinando a á festa artistica do ensaiador Leopoldo de Carvalho.

No **Principe Real** *O Licor de Ouro*, engraçada opereta em 3 actos *arreglada* por Guedes de Oliveira com musica de Manuel Benjamim, foi a peça escolhida por José Ricardo para a noite da sua festa. E feliz foi a escolha porque o talento comico de José Ricardo expande-se á vontade no comico papel do Dr. Wan Guyck infatigavel na sua tarefa de augmentar artificialmente a humanidade por meio do seu precioso licor.

Tambem Amelia Lopiccolo que faz a segunda personagem da opereta, o papel de Catharina, dá largas ao seu talento e accrescenta com um novo trabalho de valor a sua já vasta galeria.

Outros artistas como Gomes, no burgomestre, Santos Mello, Elvira Mendes e Cremilda no seu interessante *travesti*, deram ao desempenho do *Licor de Ouro* um primoroso *ensemble* justificando os applausos com que o publico acolheu a esprituosa opereta.

JAYME VICTOR.

